



## O RETRATO DO CAIPIRA TIETENSE EM “AS ESTRAMBÓTICAS AVENTURAS DO JOAQUIM BENTINHO (O QUEIMA-CAMPO)”, DE CORNÉLIO PIRES

Cibélia Renata da Silva PIRES<sup>1</sup>

**Resumo:** No livro “As estrambóticas aventuras do Joaquim Bentinho (O Queima-Campo)” Cornélio Pires busca retratar aspectos da cultura e do dialeto caipira da região de Tietê, lugar onde o autor nasceu e se criou. Deste modo, este artigo tem por objetivo discutir alguns aspectos da cultura caipira que contribuíram para a estrutura da obra, demonstrando de que forma os aspectos sociais são fundamentais na própria composição do todo.

**Palavras-chave:** Cultura caipira, Tietê, Cornélio Pires, monções, dialeto caipira.

### Introdução

O Livro “As estrambóticas aventuras do Joaquim Bentinho” simboliza um dos melhores momentos da prosa regionalista. Neste livro, Cornélio Pires narra a história de seu famoso personagem roceiro, o Joaquim Bentinho, que ficou conhecido pelas mentiras que contava, razão pela qual era chamado “Queima-Campo”. Segundo Pires (1985, p.85), entre os caipiras, Queima Campo “é o indivíduo que, a propósito de tudo, e até fora de propósito, tem um caso a contar, uma mentira engatilhada.”

Neste livro, como em todas as suas outras obras, Cornélio Pires procurou divulgar a cultura popular caipira da região de Tietê (São Paulo), buscando descrever o modo de vida do homem do campo, bem como trazer ao nosso conhecimento a riqueza de seu linguajar.

A história narrada por Cornélio Pires, através de seu personagem Joaquim Bentinho, representa um vasto campo de pesquisa e análise para os pesquisadores da área de ciências humanas, principalmente para aqueles que têm a língua como objeto de estudo:

---

<sup>1</sup> Mestre e doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo e pesquisadora do projeto temático “Formação e expansão do português paulista ao longo do Rio Tietê até o Mato Grosso a partir do século XVI” pela mesma universidade. e-mail [cibelialia@usp.br](mailto:cibelialia@usp.br)



A pretexto de narrar casos e mentiras, registro o linguajar do roceiro, expondo considerações ligeiras sobre as necessidades dos nossos caipiras e procuro dar uma pálida idéia da nossa gente, da vida rústica e da nossa paisagem. (PIRES, 1985, p. 81)

A história se divide em dezenove capítulos e tem como personagem principal Joaquim Bentinho, conhecido como o Queima-Campo, que é descrito por Pires (1985, p. 89) como “um caboclinho mirradinho, olhinhos vivos, barbica em três capões...”

Embora todos os episódios girem em torno dos diversos “causos” contados por Joaquim Bentinho, este personagem só é apresentado ao leitor no capítulo VI e apenas no capítulo VII é que Cornélio Pires dá voz ao personagem, procurando, ao longo do livro, fazer um registro fiel da variante linguística falada na zona rural da região de Tietê, local em que o autor nasceu e viveu por algum tempo.

Além do registro linguístico, em todos os capítulos Cornélio Pires procurou expor um aspecto da vida do campo, ora através da fauna e da flora, ora procurando descrever o modo de vida caipira. A obra possui uma dimensão social com referência a lugares, usos, costumes e aspectos culturais de um modo geral que foram verificados pessoalmente pelo escritor e tem grande relevância na própria composição do todo, na maneira como o obra foi organizada. Deste modo, o texto tal como foi construído reuniu em sua estrutura aspectos linguísticos e sociais, possibilitando uma espécie de tessitura textual que corrobora o que foi bem colocado por Candido (1965, p.4) de que para compreender a integridade de uma obra, faz-se necessário unir “texto e contexto numa interpretação dialéticamente íntegra” porque tanto os fatores internos, quanto os fatores externos do texto se harmonizam, tornando-se fundamentais no processo interpretativo.

### **A formação da cultura caipira na região de Tietê**

A história de Tietê, como muitas cidades do interior, teve sua origem atrelada ao movimento de bandeirantes que desbravaram o sertão paulista navegando pelo rio Tietê. Conhecida anteriormente por Pirapora do Curuçá, Tietê foi uma das primeiras cidades paulistas a serem fundadas à margem do rio e, durante



muito tempo, serviu como posto de abastecimento para as tropas que seguiriam para Cuiabá em busca de ouro ou para o Forte de Iguatemi (KOK, 1998).

Ao final do século XVIII, devido à grande fertilidade do solo, diversas pessoas, provenientes de Porto Feliz e outras localidades mais distantes, foram atraídas para a região e assim passaram a construir as primeiras habitações, formando o vilarejo de Pirapora do Curuçá (ALMEIDA, 1980). As condições locais, aliadas a uma agricultura de subsistência desenvolvida pelos moradores ribeirinhos, deram origem ao que Candido (1998) convencionou chamar de “lençol de cultura caipira”, ou seja, uma população dispersa que vivia da agricultura de subsistência local:

Foi o povoamento disperso que favoreceu a manutenção de uma economia de subsistência, constituída dos elementos sumários e rústicos próprios do seminomadismo. O deslocamento incessante do bandeirismo prolongou-se de certo modo na agricultura itinerante, nas atividades de coleta, caça e pesca, do descendente caipira, a partir do século XVIII. As técnicas rudimentares, a cultura improvisada no nômade encontraram condições para sobreviver. (CANDIDO, 1998, p.44)

O caipira assim chamado possuía uma economia mais autárquica do que mercantil e áspera, sendo mais afeito à possibilidade de intercalar trabalho e lazer do que ter um padrão de vida mais alto com um sistema de trabalho mais rígido e caráter disciplinador aviltante. Conseqüentemente, ele poderia guardar os dias santos, que eram rigorosamente respeitados, e determinar os dias a serem trabalhados. Isso acontecia porque ele mesmo era produtor e a única pessoa que poderia decidir sobre as condições de seu trabalho, atividade que não tinha como objetivo o acúmulo de capital e conseqüente geração de lucro, mas a manutenção e sobrevivência de sua família e da comunidade como um todo.

Além das características já apontadas, Candido (1998) ressalta que os caipiras viviam em pequenos grupamentos chamados bairros rurais que se constituíam como “naçõezinhas” devido ao grau de isolamento em que permaneciam. Os bairros rurais se organizavam como grupos de vizinhança cujas relações interpessoais se baseavam na ajuda mútua e, através de uma participação coletiva nos trabalhos de roça e em atividades lúdico-religiosas, desenvolviam um sentido de solidariedade e coesão grupal.

Acima de tudo, o bairro rural era um grupo social igualitário em que estava sempre presente a noção de que todos os seus integrantes pertenciam a um mesmo



nível social e, por essa razão, a cooperação entre os vizinhos se tornava fundamental. Sem a cooperação vicinal, era impossível para o caipira, que só dispunha da mão- de- obra doméstica, efetuar o trabalho de derrubada, roçada, plantio, limpa, colheita etc. Havia uma aproximação maior entre as pessoas através dessa forma de ajuda mútua e cooperativa existente em agrupamentos rurais cuja atividade produtiva era baseada na agricultura familiar.

Esta prática do mutirão como ajuda solidária é evidenciada no capítulo XV que tem por título “De como o Queima Campo, fazendo duas operações, produziu dois aleijões”, demonstrando ser esta uma prática já observada pelo próprio autor nas comunidades caipiras da região de Tietê:

Contou que certo dia o seu vizinho Cypriano organizara um muchirão e o pessoal do bairro viera dar uma demão. O talhão de capoeirinha, partindo do ribeirão, subia encosta acima até dobrar o espigão. A roçada era grande e o estado de pobreza do “sitiente”, ou “situante”, atrapalhado pela maleita, não lhe permitia fazer tão grande roça a mão-paga. (PIRES, 1985, p.117)

Com o tempo, a autonomia de que gozavam os caipiras devidamente assentados nas terras tietenses vai cedendo espaço para a agricultura mercantil com a absorção da mão-de-obra que até então vivia da agricultura de subsistência. Isso era feito através de falsificação de escrituras, do emprego incisivo da grilagem, da compra de terra pelo domínio oligárquico, inacessível ao caipira, e pelo uso do aparelho do estado para desalojar famílias caipiras de terras consideradas invadidas por estes para que, em seu lugar, fossem plantadas grandes lavouras comerciais, especialmente as de café e cana-de-açúcar (RIBEIRO, 1995, p.387-88).

### **O retrato do caipira na obra de Cornélio Pires**

No início do século XX, Amaral (1920) começa os seus estudos de descrição lingüística da fala interiorana paulista. Seu trabalho, embora carente de uma metodologia, foi pioneiro neste sentido. Baseando-se na observação direta à área pesquisada, Amaral se propôs a descrever essa variedade dialetal rural falada por pessoas que viviam em regiões do interior de São Paulo.



Cornélio Pires, primo de Amadeu Amaral, escreveu a primeira edição de seu livro “As estrambóticas aventuras do Joaquim Bentinho” em 1924, mas bem antes disso já procurava retratar o caipira em suas obras. Até aquele momento, tanto os estudos da variante linguística regional, quanto os estudos sociológicos sobre o homem pobre livre eram evitados. Somente no decênio de 1930 com a incorporação das inovações formais e temáticas trazidas pelo Modernismo, foram que os escritores como Graciliano Ramos e Dionélio Machado puderam romper com o artificialismo linguístico e estético:

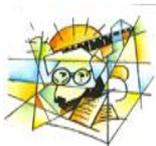
Até 1930 a literatura predominante e mais aceita se ajustava a uma ideologia de permanência, representada sobretudo pelo purismo gramatical, que tendia no limite a cristalizar a língua e adotar como modelo a literatura portuguesa. Isto corresponde às expectativas oficiais de uma cultura de fachada, feita para ser vista pelos estrangeiros, como era em parte a da República Velha. (CANDIDO, 1984, p.29)

Neste sentido, podemos dizer que Cornélio Pires foi inovador, colocando o caipira como personagem central de suas obras e fazendo uso da variante linguística regional para narrar suas histórias. Antes dele, quando o caipira figurava entre os outros personagens literários, era retratado de maneira insultuosa e sua fala estava sempre elidida.

Apesar de situar o caipira como personagem principal de suas obras, Cornélio Pires não faz nenhuma crítica à situação econômica e social do homem do campo. Pelo contrário, o seu silêncio e a presença de certo tom de comicidade com que expõe alguns aspectos da vida do homem rural ocultam uma prática até então comum nos meios literários: a preservação de certas posições privilegiadas através da sujeição das camadas dominadas.

O livro “As estrambóticas aventuras do Joaquim Bentinho” evidencia algumas contradições, pois ao mesmo tempo em que Pires (1985, p.83) asseverava que os caipiras não eram vadios, expunha-os a uma situação cômica com a imagem estereotipada de “contador de mentiras”:

Entre os caipiras a mentira, quase sempre, é um jogo de espírito. Mentem por passa-tempo, para empulhar o próximo, principalmente se este próximo é da cidade. Depois de pregar meia dúzia de mentiras a um cidadão (homem da cidade) o caipira, no sítio, em festas, goza! Ri gostosamente... (PIRES, 1985, p.88)



Com isso, ao invés de destacar a espoliação econômica a que estava submetido o homem do campo, Cornélio Pires limitou-se à descrição quase romântica do seu universo e com isso confirmaria a opinião conservadora de que o homem do campo “vive feliz em seu mundo simples”, conforme aponta uma passagem do capítulo XV:

O caipira nunca recusa um dia de serviço, gratuitamente, em muchirão, ao seu vizinho, desde que ao serviço se ligue uma festazinha, puxada a cachaça, leitão, reza e fandango. É assim que se reúnem 30 ou 40 foices para uma enorme roçada num só dia, entre cantos e desafios, verdadeiros concursos no manejar a foice, numa puxada firme de dia inteiro (PIRES, 1985, p.117)

Apesar de ser retratado como um “grande contador de mentiras”, o personagem Joaquim Bentinho apresentou-se como uma figura totalmente dócil e conformada. No entanto, essa docilidade e conformismo não se constituem em traços característicos da personalidade do homem do campo como apontou Cornélio Pires, mas se revelam como fruto de uma situação histórica e sociológica permeada de opressão. Essa mesma opressão leva ao sentimento de autodesvalia que acaba sendo confirmada pela sociedade quando esta aceita esta submissão como forma de docilidade:

A autodesvalia é outra característica dos oprimidos. Resulta da introjeção que fazem eles da visão que deles têm os opressores. De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade”. Falam de si como os que não sabem e do “doutor” como o que sabem e a quem devem escutar. Os critérios de saber que lhe são impostos são os convencionais (FREIRE, 1987, p.28).

No capítulo XI, ficou ainda mais evidente o sentimento de autodesvalia do caipira, sendo implicitamente cultivado pelo próprio Cornélio Pires. Segundo é descrito neste capítulo, após o trabalho de muchirão, alguns caipiras e ele, Cornélio Pires, conversavam a respeito de coisas diversas. Foi então que ele, o narrador

Persistindo no sistema de pregar praticamente, entre roceiros, coisas úteis à Pátria, metti-me na conversa.



-Olhem: vocês que vivem em “suas” terras, devido à facilidade de vida no Brasil, não enxergam onde e como ganhar dinheiro...

-Isso é...Os italianos, sim, são quatro pau de ambicionero...interrompeu Tuliano.

(...)

-Destruam as pragas, limpem suas casas, barreiem-nas de novo, façam latrinas, porque o bichinho do amarellão entra pelos pés, e como vocês “armam laço” nos arredores da casa, a chuva semeia o bichinho, lombriguinhas, nos arredores da casa...

- Já se viu! Isso nós num sabia...

-Aproveitem o que o sítio pode dar. Olhem aquela baixada barrenta e aquela espigão de terra boa. Plantem milho, mandioca, abobora, batata doce, criem porcos... plantem algodão... (PIRES 1985, pp. 104-105)

Todo este diálogo exposto no capítulo XI demonstra a ideologia elitista que subjaz a obra de Cornélio Pires. Ao contrário do que foi colocado nesta passagem, o caipira se manteve confinado nas terras mais sáfaras e enterrado na sua própria pobreza viu impassível a chegada dos colonos italianos, espanhóis, alemães que, devidamente respaldados pelos governos dos países de origem estariam mais protegidos contra os desmandos dos senhores locais. É importante observar na passagem em que Cornélio Pires afirma: “Olhem: vocês que vivem em “suas” terras...”. Nesta frase, o próprio autor coloca a palavra *suas* entre aspas, sugerindo que a terra não é de propriedade do caipira, mas que este a ocupa temporariamente. Saint-Hilaire (1974, p. 24) observou este fato em uma de suas viagens à Província de São Paulo:

Os pobres que não podem ter títulos, estabelecem-se nos terrenos que sabem não ter dono. Plantam, constroem pequenas casas, criam galinhas, e quando menos esperam, *aparece-lhes um homem rico, com título que recebeu na véspera, expulsando-os e aproveita o fruto de seu trabalho(grifo meu)*. O único recurso que ao pobre cabe é pedir, ao que possui léguas de terra, a permissão de arrotear um pedaço de chão. Raramente lhe é recusada tal licença, mas como pode ser cassada de um momento para o outro, por capricho ou interesse, os que cultivam terreno alheio e chamam-se agregados, só plantam grãos cuja colheita pode ser feita em poucos meses, tais como o milho e o feijão. Não fazem plantações que só dêem ao cabo de longo tempo como o café.

A idéia que ainda hoje povoa o imaginário urbano é a de que os bandeirantes desbravaram os sertões, “limpando” do caminho os índios; os caipiras sucederam os bandeirantes povoando terras desocupadas e, após estes, chegaram os senhores de terras com o direito legítimo de expulsar o lavrador pobre de terras “improdutivas”, trazendo assim o processo “civilizatório” para a região. Estes senhores de terras



ocupavam extensões de terra cada vez maiores e mais férteis da província e empurravam os caipiras sertão adentro, normalmente ocupado por índios. Cabia então ao caipira lutar contra esses índios pelo direito de se fixarem na terra. Desta terra eles seriam novamente expulsos pela chegada da grande lavoura de café, cana ou algodão. Em conseqüência disto, esse lavrador nômade não conseguia fixar raízes em terra alguma, cultivando apenas uma pequena roça e construindo um rancho onde iria morar com toda sua família.

### **Considerações finais**

O escritor e folclorista tietense Cornélio Pires procurou através das aventuras de seu personagem Joaquim Bentinho apresentar-nos o homem do campo com sua variedade linguística, oferecendo em sua narrativa detalhes e características próprias da vida do caipira e de seu universo cultural.

Enquanto a literatura da época caracterizava o caipira como alguém indolente, inferior, disseminando uma representação social negativa, a obra de Cornélio Pires ficou conhecida por procurar seguir o caminho contrário e sair em defesa do homem do campo, repetindo por diversas vezes a afeição que o caipira tinha por seu trabalho. No entanto, quando perscrutamos a obra “As estrambóticas aventuras de Joaquim Bentinho” não podemos deixar de observar ,no próprio fio condutor da obra, certos elementos que permitem garantir a preservação de uma ordem hierárquico-social.

Um desses elementos encontra-se na própria caracterização do caipira como alguém que tem a mentira como “um jogo de espírito” ou como aquela figura extremamente dócil, feliz com seu modo de vida e que tem ainda muito o que aprender com as pessoas da “cidade grande”. Essa descrição calcada em certos estereótipos, longe de qualquer reflexão sobre os condicionamentos sociais e políticos que influenciaram na formação do modo de vida caipira, permite a uma elite restrita fortalecer a sua posição de classe dominante e contribui para alimentar uma intolerância já disseminada em relação ao outro e ao que julgamos ser diferente.



---

**Abstract:** In the book "Joaquim Bentinho's extravagant adventures" Cornélio Pires searches to portray aspects of the culture and the caipira dialect of the area of Tietê, place where the author was born and he grew up. This way, this article has for objective to discuss some aspects of the caipira culture that had contributed to the structure of the work, demonstrating how the social aspects are fundamental in the own composition of the whole.

**Keywords:** caipira culture, Tietê, Cornélio Pires, monções, caipira dialect.

---

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, Benedicto Pires de. *Cronologia Tietense*. Vol I. Tietê: Editora Milesi, 1980.

AMARAL, Amadeu. *O dialecto caipira*. São Paulo : Casa editora "O Livro", 1920.

CANDIDO, Antonio. Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. , 8ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

\_\_\_\_\_. *A revolução de 1930 e a cultura*. Revista Novos Estudos, vol 4, 1984.

\_\_\_\_\_. Crítica e sociologia In: *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Nacional, 1965, pp. 1 a 17.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

KOK, Maria da Glória Porto. *O sertão itinerante: expedições da Capitania de São Paulo no século XVIII*. Tese de doutorado. SP: USP, 1998.

PIRES, Cornélio. *Musa Caipira/ As estrambóticas aventuras do Joaquim Bentinho (o Queima-Campo)*. Tietê/SP: Prefeitura Municipal, 1985.

RIBEIRO, Darcy. *O povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2ª ed. São Paulo:

Companhia das Letras, 1995.

SAINT HILAIRE, Auguste de. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo- 1822*. Belo Horizonte: ed Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1974.

Recebido em 22/07/2009

Aceito para publicação em 10/11/2009